



ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO SPADARI ADAMI

Unidade Banco de Memória Oral

Síntese da entrevista com Mikaella Amaral Padilha da Silva HDE 524

BR.RS.AHMJSA.BMO.01.05.008.SIN

Entrevistado/a: Mikaella Amaral Padilha da Silva

Entrevistador/a/es: Graciela Deon Rodrigues

Tema: História de vida / Gênero, identidade, sexualidade / Cinema / Arte

Data: 03 de outubro de 2025

Local: AHMJSA - Caxias do Sul

BIOGRAFIA:

Mikaella Amaral Padilha da Silva nasceu no dia vinte de junho de 1999 em Alvorada, Rio Grande do Sul (Brasil). Filha de Marizete Amaral e Claudiomiro Padilha da Silva. No ensino básico frequentou as escolas: Ruben Bento Alves e Professor Clauri Alves Flores. Mulher trans, multiartista e integrante do LABmais do Sesc de Caxias do Sul. Formada pela escola Tem Gente Teatrando, ganhou o troféu de melhor atriz no prêmio Assembleia Legislativa – Mostra de Curtas Gaúchos com curta-metragem “Bom dia, Maika!”, na 53ª edição do Festival de Cinema em Gramado, Rio Grande do Sul. Seu maior desejo é mudar a forma como o cinema retrata as mulheres trans.

Fonte: informações obtidas na entrevista e em pesquisa realizada pela Unidade.

TEMAS PRESENTES NO RELATO:

Infância, adolescência e etapa escolar

Comenta sobre sua infância e adolescência na zona norte da cidade. Família numerosa e movimentada, os trabalhos domiciliares, o cuidado com o irmão mais novo.

Disserta sobre sentir algo diferente desde muito pequena em relação à sexualidade. A solidão, a introspecção, brincadeiras isoladas, entre outros.

Apaixonada por novelas, sonhava em estar nas telas.

A importância do contraturno escolar em centros educativos que frequentou. O contato com a arte de diversas formas, as atividades proporcionadas, a integração, o apoio, os aprendizados, entre outros assuntos.

A religiosidade da família. O envolvimento e dedicação ao conhecimento do evangelho. O estudo em Teologia pela igreja evangélica a qual fazia parte. A religião como forma de cura, entendimento sobre sua sexualidade e a busca por respostas. A forte crise de depressão.

O *bullying* sofrido no ensino fundamental. No ensino médio, se assume como menino gay na escola. A descoberta pela família e o preconceito vivenciado.

A terapia como forma de entender suas questões pessoais.

Atividades profissionais, o Projeto LABmais e o prêmio no Festival de Gramado

A formação profissional como atriz na escola de teatro Tem Gente Teatrando.

Os trabalhos como menor aprendiz nas Irmãs Murialdinas e no SENAI com corte e costura. A abertura do seu ateliê em sua casa.

Explica como funciona o LABmais do SESC de Caxias do Sul, seu ingresso, os cursos oferecidos, atividades, a profissionalização e oportunidades dentro do programa gratuito para jovens. A preocupação do projeto em trazer a arte inclusiva, cursos de libras, entre outros.

O Festival realizado pelo LABmais com participantes de várias cidades do Brasil em Caxias do Sul.

Menciona Elise Bittencourt e Shaiane Giusti, coordenadoras do LABmais.

Conta sobre o curta premiado “Bom dia, Maika!”, a produção, o envolvimento e dedicação de toda a equipe, sua atuação e os prêmios recebidos no Festival de Cinema em Gramado, o qual recebeu de o de melhor atriz. A alegria do grupo, o entrosamento entre todos, os desafios, entre outros.

Cita Eddy Ramos, diretor do curta premiado, e Diego Tafarel, da produtora Pé de Coelho, a qual auxiliou na produção.

O convite pelo SESC para palestrar no nordeste e ministrar oficinas. As trocas, experiências e vivências, entre outras.

Fala sobre documentários que produziu, os aprendizados e sua rede de apoio que construiu dentro do programa.

Reflexões sobre inclusão e diversidade de corpos em núcleos artísticos.

O desejo de trazer histórias com narrativas que representem de forma diferente questões raciais, sexualidade, que celebrem, mostrem a beleza, sejam felizes, despertem sonhos.

A identidade de gênero

A arte *drag queen* como forma de se reconhecer como mulher trans.

O processo de transição, os cuidados clínicos hormonais e psicológicos.

Explica sobre o processo do registro civil com ajuda da Ong Construindo Igualdade.

Discorre sobre a falta de profissionais capacitados para cuidar da saúde de pessoas trans. A grande procura por atendimento pelo SUS, as filas de espera. A transfobia.

Menciona Erica Hilton como referência para a comunidade trans.

O afastamento da família sanguínea e a reaproximação com sua mãe.